

## VELHICE: ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Ulysses de Araújo Lima; Rafael Venâncio; Hermano de França Rodrigues

*Universidade Federal da Paraíba - ulyssespb@gmail.com*

**Resumo:** O envelhecer assusta a grande parte dos seres humanos que buscam, a todo custo, criar subsídios para garantir uma velhice minimamente tranquila. Entre os temores que assolam a imaginação está o de se ver dependente e desamparado por aqueles que, pelos mandamentos culturais, devia cuidar e amar. Este receio, por vezes verbalizado ou silenciado, reverbera os primitivos traumas que constituíram o sujeito do inconsciente, o que, por sua vez, demonstra o quanto o desamparo nos acompanha desde o dia em que nascemos até o dia em que perecemos. É o caso representado pelo conto *Fita Verde no Cabelo – Nova velha história*, escrito por Guimarães Rosa, em 1964. Na narrativa, dialógica com o drama de origem europeia *Chapeuzinho Vermelho*, Fita-Verde é uma garota desajuizada e sonhadora que busca (re)viver os (des)caminhos trilhados pela antecessora, enquanto leva para a avó uma cesta de doces. Lá chegando, em lugar de se deparar com um animal feroz, presencia a agonia da matriarca da família que morre, desamparada, diante de si. Por isso, nossa pesquisa, numa interlocução entre a psicanálise de base (pós)freudiana e a literatura, pretende investigar este (re)encontro das personagens com a inevitável velhice que, neste conto em particular, é marcada pela dor do abandono e da solidão.

Palavras-chave: Desamparo, envelhecimento, abandono.

### Introdução

*Fita Verde no Cabelo – Nova velha história* é um conto criado e publicado por Guimarães Rosa, em 1964, como parte integrante do jornal Folha de São Paulo. A narrativa, como o título sugere, é uma (re)atualização da clássica história de fadas da doce e ingênua *Chapeuzinho Vermelho*. Ambas as narrativas trazem personagens que, aparentemente, amam as avós e, seguindo as ordens da mãe, levam um cesto de doces para a matriarca da família.

As semelhanças, no entanto, param por aí mesmo, pois, a partir do momento em que a história de Fita-Verde se desenvolve, aspectos subjetivos de suas personalidades são revelados: ao invés de seguir pelo caminho indicado, a menina do conto de Guimarães Rosa, decide, por conta própria, e sem ser influenciada, ir pelo caminho da floresta, a fim de que pudesse se deparar com a paisagem das florestas, tal qual a *Chapeuzinho*. Fita-Verde, no entanto, é tomada pelo narrador onisciente como uma menina desajuizada, ao contrário, de todos os demais habitantes da aldeia:

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam.

Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Nesta citação é mencionada a trivialidade da vida nesta aldeia, cujo moradores viviam num interminável ciclo de nascimento e crescimento e posterior envelhecimento, do qual, a garota, de alguma forma buscava se desvincular, talvez, a única forma que encontrara para fazer isso fosse fantasiar que podia (re)viver eventos de uma história de contos de fadas. Mas, o que tanto Fita-Verde, quanto o leitor, (re)encontram é, tão somente, o triste quadro da realidade que assola os habitantes desta aldeia: o lobo não existia mais de maneira que só lhes restava se voltarem para as suas próprias vidas. Fita-Verde, ingênua demais ou inconformada para aceitar o fato, neste momento, é posta de frente com o real e o simbólico da velhice, que, neste contexto, se caracteriza pela dor do desamparo e do abandono, consistindo este (re)encontro o objeto de estudo de nossa pesquisa.

Tendo por base a psicanálise de base (pós)freudiana, objetivamos analisar as ambivalências que recaem sobre o processo de envelhecimento, que causa angústia e mal-estar, os quais são reiteradamente simbolizados na obra de Guimarães Rosa, para isso, em um primeiro momento, faremos um breve percurso sócio-histórico pelas civilizações clássicas, a fim de compreendermos as possíveis raízes do medo de envelhecer; no segundo momento de nossa pesquisa, delimitaremos conceitos-chaves da metapsicologia no que se refere ao envelhecimento e a relação dos significantes no processo de senescência e, finalmente, no terceiro momento, buscaremos investigar as reverberações destes significantes e possíveis significados abordados no *corpus* em análise.

## **1. A velhice na Idade clássica**

Na mitologia grega, a velhice estava ligada à avareza, ao retrocesso e ao medo, de modo que a permanência de velhos no poder acarretava em péssimos governantes, fazendo-se necessário que um jovem, forte e destemido, destronasse o rei já incapacitado de governar com justiça e coragem. Esta é a espinha dorsal das grandes tragédias e mitos gregos, desde a *Teogonia*, até *Édipo Rei*. Por esta pequena exposição, percebemos o desprezo que os gregos tinham no que se referia a envelhecer. Para eles, adoradores da beleza de um corpo jovem e

atraente, ter de lidar com as marcas da passagem do tempo correspondia a reconhecer a própria inabilitação. O jovem e o velho, portanto, eram separados:

Frente à devoção grega ao Belo e à associação da velhice as degenerações físicas ocorre, de certo modo, um aprofundamento da cisão entre juventude e velhice. Por exemplo, a velhice era designada por Hesíodo como “triste velhice”, pois enquanto a morte podia representar um grandioso e heroico fim, a longevidade estava ligada à própria noção de decrepitude. (KAMKHAGI, 2014, p.30)

O que era bem diferente da nação judaica, que, neste sentido, entendia a longevidade de vida ligada à benção de Deus para com aqueles que se mostravam fiéis às leis mosaicas. Ao idoso, na Grécia Antiga, cabia uma interdição de seus ofícios e imediata substituição da administração de seus bens.

Em Roma, por outro lado, o velho gozava de certas leis que beneficiavam e reforçavam o respeito que os filhos deviam ter para com seus progenitores, apesar disso, Kamkhagi explica que não havia, no Direito latino, nada de significativamente vantajoso e enaltecedor à figura do idoso. A lei só fazia com que a presença do idoso fosse tolerada e, obrigatoriamente, respeitada, razão pela qual, a raiva deles crescia a cada dia,

A profunda raiva com relação aos velhos se explicaria pelo fato de homens já adultos (20, 30, 40 e 50 anos) serem obrigados a prestar obediência incondicional ao pai. Diante da lei, o pai envelhecido é exaltado com poder e força, mas diante da família se vê desprezado e odiado. (Ibid, p.33)

Nossa civilização, erguida sobre os protocolos judaico-cristãos, mesclou a fascinação pela juventude, herdada dos gregos e o seu discurso de desprezo e incapacidade dos idosos, com os princípios ético-morais, prescritos na lei romana, formando, na Idade Média, entre nobres, a passagem dos bens do pai para o filho que daria continuidade aos negócios e o título de nobreza do pai.

## **2. O inconsciente: significantes e significados**

Lacan é o continuador da teoria freudiana, algo que se pode perceber em seus Seminários, os quais buscam retornar ao fundamental do que foi formulado e teorizado por Freud, no entanto, Lacan formulou uma nova abordagem concernente ao inconsciente e suas inclinações determinantes: com base nos processos de aquisição, introjeção e estruturação da

linguagem no sujeito<sup>1</sup>, ele considerou que este processo antecedia a própria constituição daquilo que viria a ser tido como inconsciente:

O que situo aqui no princípio da experiência analítica é a noção de que há significante já instalado e já estruturado. Já existe uma usina feita, e que funciona. Não foram vocês que a fizeram. Essa usina é a linguagem, que ali funciona há tão longo tempo quanto vocês podem lembrar. Literalmente, não podem lembrar-se para além disso, falo da história da humanidade em seu conjunto. Desde que existem aí significantes que funcionam, os sujeitos estão organizados em seu psiquismo pelo jogo próprio desses significantes. [...] (LACAN, 1995, p.49, grifo nosso).

Introduz-se aí, portanto, dois termos que é necessário definirmos: o significante e o significado<sup>2</sup>, ambos, conforme Lacan, fundamentam não só a linguagem, como todas as relações humanas que se dão pela presença (ou ausência do discurso). Mucida (2014, p. 28) esclarece que o significante, na teoria lacaniana, “é aquilo que não significa nada”, ou seja, não tem relação direta com o significado, por esta razão, o sentido do mesmo só ser apreendido a partir de sua oposição a outro significante na cadeia discursiva. É fundamental, dizendo de outra maneira, haver uma formulação discursiva para que se possa ligar os significantes e, desta forma, compreender o significado.

Devido a este fato, não é por acaso que algo, na linguagem, tende a falhar, pois, o que é da ordem do inconsciente, pela ação do trauma, pode ser recalcado ou vivido integralmente<sup>3</sup>. Naquilo que a linguagem evidentemente falha, ela pode simbolizar e, neste sentido, temos uma relação intrínseca entre o real, não necessariamente a materialidade das coisas, mas uma parte integrante dele; o simbólico, forma de se introduzir significantes que irão interditar o sujeito e, não menos importante, o imaginário, ligado às primeiras imagens das figuras parentais introjetadas que fundamentam a relação do sujeito com o mundo. Os três estão estruturados entre si, e não podem ser compreendidos separadamente. Mucida informa-nos como Lacan fez esta formalização:

[ele] formalizou as relações estruturais entre real, imaginário e simbólico em termos de um nó, nó borromiano, forma topológica representada por “cordas”, pela qual eles se entrelaçam. Nenhuma delas é privilegiada, e, cortando-se uma delas, as outras se rompem. O nó é assim, R, S, I; ele subsiste apenas em torno desses três registros [...] (MUCIDA, 2014, 25)

<sup>1</sup> Aliás, vale mencionar, o termo *sujeito* é próprio da teoria analítica de Lacan que engloba a ideia de alguém constituído pelos processos educacionais e traumáticos da vida.

<sup>2</sup> Ambos os termos oriundos da dicotomia de Ferdinand de Saussure.

<sup>3</sup> O recalco é uma defesa do ego que busca causar uma lacuna na memória do sujeito, a fim de que eventos traumáticos não sejam (re)vividos e prejudique o recalco, no entanto, o que é latente encontra outras formas de se manifestar, como, por um exemplo, o sintoma que configura uma das falhas do recalco. No caso da psicose, o recalco falha completamente de modo que o sujeito vive o trauma.

O buraco, que é próprio dos nós, é o local ideal para que a angústia se instale, acompanhada do medo da perda do amor do Outro. Na velhice, o sentimento de temor é sentido de maneira mais forte e aguçada, sendo (re)significado, na narrativa em foco, como o (re)encontro com o desamparo.

### **1. O desamparo: o encontro do real e simbólico**

Feitas as exposições preliminares acerca da velhice através do percurso histórico e literário, chegamos ao ponto de nossa pesquisa que devemos utilizar alguns conceitos-chave da psicanálise (pós)freudiana, a fim de que compreendamos a personagem em foco neste trabalho, cuja emblemática aparição e diálogo, abre-nos a oportunidade de nos valer da metapsicologia.

É interessante observar, antes de tudo, que, tal como os demais personagens, a avó, não possui um nome que lhe dê propriedade, tal qual a história de Chapeuzinho: a velha só é citada e adentra no texto a partir de uma função que, quer por laços de sangue ou convenção social, exerce e é chamada. Guimarães Rosa, neste conto, manifesta o que há de mais temeroso ao homem que se vê envelhecido: nada mais do que se dá conta de que sua própria imagem perece, bem como suas forças físicas e, como se isso não bastasse, o sujeito se veja abandonado pelos entes queridos, chegando a adoecer e agonizar sem que haja ninguém que possa velá-lo<sup>4</sup>. É o que, presumimos, ocorre com a personagem idosa do conto, que, abandonada e sozinha, lamenta não poder mais desfrutar dos sentidos naturais da vida, os quais, na verdade, começou a perder bem antes da narrativa abrir:

– Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

– É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

– Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

– É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

A dor de sentir a vida se esvaindo, portanto, é tão intensa quanto perceber que, durante este processo, foi desamparada pelas pessoas que mais amava. A avó, bem ao contrário da

---

<sup>4</sup> Afirmamos a pouco que a obra do Guimarães Rosa é regida por um tipo de realismo de sorte que, nesta ideia, não é a toa que a avó esteja sozinha em uma casa distante tanto da neta, quanto a filha, morrendo aos poucos sem ter o devido socorro.

desajuizada Fita-verde, tem ciência do que lhe acontece e do que, certamente, perdeu, sendo isso o que difere, entre outros fatores, o conto de Guimarães Rosa da clássica história de Chapeuzinho Vermelho.

Mucida nos chama a atenção para um dado importante que concerne quanto a nosso nascimento enquanto sujeitos: o desamparo nos constitui, desde que nascemos, somos legados ao abandono parcial ou integral daqueles que, pelos mandamentos culturais, deveria nos amar, no entanto, devido às frustrações e interditos sofridos e assimilados, respectivamente, tememos perder, simbólica ou realmente o amor:

[...] na velhice, o infantil continuará também a impor seus efeitos sob a pena do desamparo, do perigo da perda do amor, da angústia relativa ao desejo do Outro e ao próprio desejo. [...] A velhice pode ser, inclusive, o momento no qual o sujeito vive seu desamparo de maneira mais aguçada. [...] (MUCIDA, 2014, p. 41)

A autora continua lembrando que, não importa o quanto o sujeito cresça e se desenvolva, jamais ele superará os signos destas perdas, que se inscrevem nele e, em muitos casos, explicariam a incapacidade de determinados indivíduos que não conseguem lidar com a perda do amor, agindo como verdadeiras crianças que dependem do olhar de suas figuras parentais. Ela observa que, na velhice, o desamparo é reescrito, com outros significantes, e sentido de maneira bem mais aguçada.

Este, certamente, é o drama da avó, que vê, tanto na esfera do real, aquilo que fora simbolizado na doença e que resgata os mais primitivos medos do imaginário: o abandono se concretizou e a ninguém mais veria, abraçaria, beijaria; estava decrépita e sozinha. Não nos é revelado, no entanto, quais poderiam ter sido a causa de sua morte, mas, não se pode negar que, em seu discurso, há medo e até inconformismo.

Nada mais paradoxal do que Fita-verde, pensando (re)viver o drama de Chapeuzinho, descobrir que o temor real, que se inscreve simbolicamente na figura de um lobo é a morte, a que ela presenciou:

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: – Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

Avó e neta sentem, portanto, o medo da mesma coisa, mas sob abordagens diferentes, ou melhor dizendo, em termos analíticos, os significantes, aparentemente, não possuem uma

relação direta com os significados, a não ser que, faça-se as associações no decurso da narrativa: a velhice frustra, assim como Lobo assusta a garota, porque ambos trazem, consigo, a perda, real ou simbólica, de algo que se perde ou se perdeu e do qual se tem falta:

O desamparo psíquico conjuga-se à imaturidade do ego, ao perigo da perda do objeto (perda do amor), à falta de autossuficiência dos primeiros anos de infância, ao perigo de ser castrado durante a fase fálica e ao temor do superego. (Ibid, p. 41)

Estes temores acompanham a avó, presa à cama, impossibilitada, não tendo outra alternativa, a não ser aguardar que a morte chegue, mas, como afirmamos, não havia conformismo naquelas palavras, muito pelo contrário, era a dor de se ver concretizar tudo aquilo de que sempre fugiu e que agora vinha ao seu encontro, se bem que sempre esteve lá, ao seu lado: era o envelhecimento humano.

### **Considerações finais**

Neste artigo procuramos analisar o (re)encontro simbólico e real das personagens Fita-Verde e sua avó com o inevitável envelhecer humano que, no que tange à narrativa em foco, é caracterizada pela dor do desamparo e do abandono. Para que pudéssemos fazer uma investigação coerente, foi necessário que, em um primeiro momento, verificássemos as influências sócio-históricas que se reverberam na concepção de velhice presente nas sociedades ocidentais. Nesta abordagem, identificamos que o medo de envelhecer se manifesta através de uma dicotomia entre o domínio dos idosos e os jovens, desde a Idade Clássica, seguindo um percurso diacrônico até a contemporaneidade.

Em um segundo momento, foi mister que esclarecêssemos a utilização de conceitos-chaves da metapsicologia, a fim de que entendêssemos a sua aplicabilidade à velhice. Neste momento, especialmente, esforçamo-nos, com as considerações lacanianas, na compreensão do que é o real, imaginário e simbólico, bem como a pertinência destas formulações no nosso trabalho.

Por fim, no terceiro momento, feitas as observações indispensáveis, sem as quais, nosso trabalho não teria coerência, debruçamo-nos no drama do *corpus*, sondando as significações a que o texto, conforme Bellemin-Noel (1978), não diz porque o ignora: o medo do desamparo e da dor do abandono é constitutivo nas personagens, tanto a que está beirando ao fim real quanto a jovem Fita-Verde que usa, como significante principal de seu medo, a

figura do lobo já morta pelos lenhadores. A inevitável morte da avó permite que este medo seja (re)vivido de maneira real e alarmante pela protagonista, cuja inocência, atribuída pelo narrador, como que pela primeira vez, é ultrapassada, fazendo-a admitir seu temor do vilão da história do conto de fadas.

## Referências

BELLEMIN-NOEL, J. **Psicanálise e Literatura**. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

GUIMARÃES ROSA, João. **Fita verde no cabelo**: nova velha estória. Disponível em: <<https://nadaquetenhologica.wordpress.com/2010/04/04/fita-verde-no-cabelo-de-joao-guimaraes-rosa/>> Acesso em: 05.10.2016.

KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice**: sobre a clínica do envelhecer. São Paulo: Via Lettera, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4**: a relação de objeto [1956-1957]. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.